



Revista Direito e Práxis

E-ISSN: 2179-8966

direitoepraxis@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Brasil

Visser, Ricardo; Maciel, Fabrício

Significado e transformação das formas de capital: sobre a reprodução da desigualdade de classes na Alemanha

Revista Direito e Práxis, vol. 8, núm. 2, 2017, pp. 1694-1718

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=350951354026>

- ▶ [Como citar este artigo](#)
- ▶ [Número completo](#)
- ▶ [Mais artigos](#)
- ▶ [Home da revista no Redalyc](#)

**Significado e transformação das formas de capital:
sobre a reprodução da desigualdade de classes na
Alemanha**

*Meaning and transformation of capital structure: the reproduction of
class inequality in Germany*

Ricardo Visser

IPEA - Instituto de pesquisa econômica aplicada, Juiz de Fora, Minas Gerais.
Email: ricardovis@gmail.com

Fabrício Maciel

Universidade Federal Fluminense, Juiz de Fora, Minas Gerais.
Email: macielfabricio@gmail.com

Versão original: Este texto é uma tradução, revista e modificada, de nosso artigo original em alemão, intitulado “Bedeutung und Wandlung der Kapitalformen”, publicado como parte do livro coletivo intitulado “Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland” (Reprodução da desigualdade social na Alemanha), organizado por Boike Rehbein (Konstanz; Munique: UVK Editora, 2015). O livro é resultado de uma longa e produtiva cooperação entre pesquisadores brasileiros e alemães, liderada pelos professores Jessé Souza (UFF) e Boike Rehbein (Humboldt Universität zu Berlin), o que gerou uma pesquisa teórica e empírica, de natureza qualitativa e quantitativa. A preocupação geral da pesquisa foi compreender a reprodução da desigualdade social na Alemanha, a partir da observação, naquele país, da especificidade de formas universais da desigualdade contemporânea.

Tradução de Fabrício Borges, doutor em filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Resumo

Este artigo apresenta resultados teóricos e empíricos de uma recente pesquisa realizada na Alemanha. Ela visou apreender os aspectos decisivos da reprodução da desigualdade de classes. Para tanto, foi necessário mobilizar um modelo analítico que levasse em conta as diferentes formas de capital e sua distribuição conforme as classes sociais. Na segunda parte, prezou-se por adentrar a história de vida de um entrevistado, consultor financeiro estabelecido.

Palavras-chave: Desigualdade de classes; formas de capital; hierarquia social do trabalho.

Abstract

This article presents the theoretical and empirical results of a recent research conducted in Germany. Its main aim was to highlight the decisive aspects of the reproduction of class inequality. In order to achieve this goal, it was necessary to constitute an analytical model that took the different forms of capital as well as its distribution into account. In the second part, the interview of an established finance consultant was analyzed.

Keywords: Class inequality; forms of capital; social hierarchy of labor.

A relação entre as formas de capital e a reprodução das classes sociais é um aspecto central da obra de Pierre Bourdieu, de quem tomamos emprestado nosso conceito de capital. Ele não reduz o conceito ao capital econômico, ou seja, ao dinheiro ou à propriedade, mas antes o estende a todos os recursos e pressupostos de ação (*Handlungsvoraussetzungen*) socialmente significativos. Os capitais cultural e econômico são, em sua interpretação da sociedade contemporânea, os dois tipos mais importantes de capital no interior de sua interpretação geral da sociedade moderna. Ao longo do texto, mostraremos como e por que o capital social também é de grande importância.

Em sua importante obra *A Distinção: crítica social do julgamento* (1982), ele mostrou, após uma pesquisa empírica na França, como o capital cultural desempenha um papel especial nas transformações estruturais (*Strukturwandel*) da sociedade meritocrática. Além disso, Bourdieu demonstrou que os capitais econômico e social também são decisivos para a reprodução da sociedade. Os três tipos de capital possuem diferentes formas. De acordo com sua perspectiva (Bourdieu, 1979), o capital cultural pode existir sob três formas: em estado corporificado, isto é, sob a forma de disposições duradouras, em estado objetivado (na forma de bens culturais) e em estado institucionalizado (sob a forma objetivada como, por exemplo, de diplomas). O capital social é definido por Bourdieu como a totalidade dos recursos que estão ligados à posse de uma rede duradoura de relações institucionalizadas de conhecimento e reconhecimento recíprocos (Bourdieu/Wacquant 1996: 159). O capital econômico possui, de acordo com Bourdieu, um caráter especial, diferente de todos os outros, porque ele é a única forma de capital que se atrela a todas as outras: as outras formas de capital podem ser adquiridas com a interferência do capital econômico.

Os tipos de capital e a relação entre eles é fundamental para se compreender a hierarquia das classes sociais nas sociedades de hoje. De acordo com Bourdieu, as classes sociais não são realidades estatísticas fixas, mas antes condicionadas e historicamente fundadas. Correlações estatísticas são preciosas na medida em que o elo com uma investigação sobre a gênese cultural das classes sociais não se torna obscurecido. Isto significa que elas se modificam incessantemente. Com isto, modificam-se também os indivíduos,

suas disposições, seus habitus, os campos sociais, os milieus sociais, os grupos profissionais e, por fim, a sociedade inteira. Por isso, não podemos reduzir a ordem social a uma determinada distribuição de capital ou mesmo medi-la por meio de uma determinada disponibilidade de capital, mas sim entende-la em função da dinâmica produtiva e reprodutiva dos capitais.

O presente artigo analisa essa relação dinâmica entre os tipos de capital e a estruturação das classes sociais na Alemanha atual. Na primeira parte, observamos alguns resultados quantitativos a partir de uma pesquisa sobre capital cultural, social, econômico e simbólico. Mostra-se que os três tipos de capital desempenham um papel decisivo para a reprodução da desigualdade social naquele país. Na segunda parte, segue a análise de uma entrevista qualitativa que conduzimos com um consultor financeiro. Podemos caracterizá-lo como “estabelecido”, pertencente a milieus de classe média “tradicional”. Esta classe se deixa caracterizar não apenas por meio de uma alta renda, mas também por meio de modos de comportamento econômico que se orientam pela estabilidade e previsibilidade.

No que concerne ao capital cultural, mostra-se que é em parte ligado ao êxito escolar, na medida em que o processo de aprendizado refere esse capital a um campo profissional especial. Por meio da análise qualitativa, podemos compreender exatamente como os três tipos de capital desempenham um papel central nas relações sociais estabelecidas. Para tanto, deve-se compreender igualmente como a estrutura profissional se modifica na Alemanha. Nas sociedades modernas, a estrutura de classes sociais está conectada com a metamorfose das categorias profissionais, influenciando-se conjuntamente. Para mostrar como alguém se transforma em um “estabelecido”, faz-se necessário atentar em que medida o capital cultural é talvez o capital decisivo na assim chamada “sociedade do conhecimento”.

A distribuição das espécies de capital

A pesquisa empírica, da qual este texto é um resultado, comprova a importância do capital familiar para a própria posição social. A disponibilidade

de capital dos antepassados é, em uma parte considerável, responsável pelo tanto de capital que alguém pode, por si mesmo, vir a adquirir. E isto não é o caso exclusivamente em vista das capacidades herdadas para a aquisição dos capitais, isto é, uma espécie de habitus familiar.

Por meio da tabela I, pode-se reconhecer claramente como a origem social é decisiva para a posição social dos estabelecidos¹. A questão sobre se os pais possuíam uma biblioteca em casa foi respondida positivamente por 50% dos estabelecidos². Desse modo, o contraste entre os marginalizados e os dominantes é o mais contundente: enquanto 80% dos marginalizados declararam não terem uma biblioteca em casa, 100% dos dominantes possuem uma em seus domicílios. Essa pergunta é relevante, uma vez que ilustra a relação entre o capital cultural da família e a própria formação cultural do indivíduo. A maioria dos alemães que tiveram contato com livros em sua infância possuem hoje uma formação cultural mais elevada.

Tabela I: classe e formação cultural dos pais: seus pais possuíam uma biblioteca em casa?

	Sim	Não	Total
Marginalizados	20%	80%	100%

¹ As tabelas apresentadas no artigo baseiam-se nas categorizações utilizadas no livro *Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland* (2015). Tendo sido um trabalho de colaboração internacional a partir de pesquisas realizadas no Brasil e na Alemanha, optou-se por gerar quadros estatísticos que trouxessem à tona estruturas de classes comparáveis. No entanto, alguns esclarecimentos são necessários: os marginalizados correspondem a indivíduos em situação de exclusão social em esferas decisivas como economia, política, educação e família. Já no caso dos batalhadores, eles compõem dois públicos: um em situação defensiva, cujas trajetórias são marcadas pela luta contra a desclassificação social, e outro, os emergentes, normalmente em alguma situação de ascensão ou ansiando por ela. Eles caracterizam-se por uma inserção prematura e, por vezes, precária na hierarquia social do trabalho, tendo incorporado pouco capital cultural e detendo pouco capital econômico, isto é, posicionados com maior proximidade das urgências econômicas. Alguns imigrantes entrevistados também podem ser encaixados nessas categorias. Os estabelecidos correspondem à classes média, sejam elas assalariadas ou empreendedoras, com considerável capital cultural incorporado e objetivado, seja ele técnico ou “humanista”. Por último, nos referimos a classe dominante como sendo aquela com alto volume de capital econômico e com acesso às posições-chave do campo financeiro e do Estado.

² Os mesmos dados acerca da posse de uma biblioteca em domicílio, agora ordenados segundo níveis escolares: 56% dos doutores; 44% dos entrevistados com ensino superior e 16% daqueles com segundo grau sem formação profissional (*ohne abgeschlossene Lehre oder Berufsausbildung*). Ver *Rehbein, Boike et al: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland*, 2015.

Batalhadores defensivos	20%	20%	100%
Batalhadores emergentes (aspirantes)	31%	69%	100%
Estabelecidos	50%	50%	100%
Dominantes	100%	0%	100%

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

A pesquisa também demonstrou em qual extensão o nível cultural da pessoa entrevistada assemelha-se àquele de seu pai. Mais que a metade dos questionados possui o mesmo nível de formação do pai, embora o nível cultural dos alemães – pelo menos o medido pelos diplomas – cresça constantemente. Esses dados não podem esclarecer a correlação do nível cultural entre duas gerações. Todavia, eles podem ilustrar a existência de uma reprodução direta do nível cultural na Alemanha atual.

Nosso levantamento também aponta em que medida o capital social vem a ser angariado já na infância; portanto em larga medida por meio dos pais. Por exemplo, a maioria dos estabelecidos, em sua adolescência, praticavam regularmente hobbies culturais em ambiente organizado para tais práticas. Em oposição, 92% dos marginalizados não tiveram qualquer hobby desse tipo. Alguns dos estabelecidos disseram em entrevista que, em suas vidas, podem recorrer a uma rede social existente desde sua infância. Isso é decisivo para a reprodução social das posições privilegiadas. Além disso, vemos na tabela abaixo uma considerável correlação entre o ambiente social – percebido – na infância e o pertencimento de classe mais tardio. Uma ressalva sobre a categoria de camada social deve ser feita: ela corresponde à projeção de uma posição social por parte dos entrevistados. Ela é, portanto, uma terminologia e não um conceito, apesar de indicar uma posição aproximada no espaço social.

Tabela II: classes sociais e círculos de amizade: a qual classe social pertenciam os pais de seus amigos de infância?

	Classe alta (dominante)	Classes médias (estabelecidos ou batalhadores)	Classe baixa (marginalizados)	Total
Marginalizados	2%	77%	21%	100%
Batalhadores defensivos	2%	86%	12%	100%
Batalhadores emergentes (aspirantes)	3%	92%	5%	100%
Estabelecidos	9%	86%	5%	100%
Dominantes	100%	0%	0%	100%

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

Por fim, há uma clara conexão entre o capital econômico dos pais e o próprio pertencimento de classe. Nós não perguntamos diretamente pela renda e posses de antepassados porque as respostas não seriam nem precisas nem confiáveis. Contudo, a classe profissional do pai permite ao menos suposições sobre a renda aproximada. A tabela III mostra uma correlação clara entre a profissão do pai e o pertencimento de classe de seu filho.

Tabela III: classe e profissão do pai

Profissão do pai:	Grupos profissionais 1 (Marginalizados) ³	Grupos profissionais 2 (Batalhadores)	Grupos profissionais 3 (Estabelecidos)	Grupos profissionais 4 (Dominantes)	Total
Marginalizados	24%	45%	24%	3%	100 %
Batalhadores defensivos	13%	52%	21%	14%	100 %
Batalhadores emergentes (aspirantes)	5%	34%	31%	30%	100 %
Estabelecidos	4%	22%	20%	54%	100 %
Dominantes	0%	0%	0%	100%	100 %

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

Que o pertencimento de classe esteja associado a um determinado nível cultural é algo igualmente demonstrado pela pesquisa empírica. Nenhum marginalizado e somente 2% dos batalhadores defensivos em nossa amostra possuem uma conclusão de curso superior. Em oposição a isto, não há qualquer estabelecido ou dominante que possua menos do que um diploma de nível médio (*mittlerer Abschluss*). Os diplomas de nível médio (*Realschule*⁴ e

³ Aqui a pesquisa procurou mapear os grupos profissionais específicos de cada classe.

⁴ Que termina no primeiro nível da escola secundária, dividida em dois níveis.

*Fachschule*⁵) são os principais títulos de formação dos batalhadores. 45% dos trabalhadores defensivos e 37% dos emergentes concluíram sua formação nesse nível escolar. Com isto, a posse de diploma é um dos indicadores mais expressivos do pertencimento de classe.

Além disso, a afiliação em organizações e clubes aumenta nas classes estabelecidas e dominantes. Enquanto quase 70% dos marginalizados afirmam não pertencer a qualquer clube ou organização, o mesmo é dito por somente 34% dos estabelecidos e por nenhum dos membros da classe dominante. O acesso ao capital social no pico da sociedade é de longe mais alto que no resto. Aqui, deveríamos atentar para o fato de que os clubes no pico da sociedade possuem uma qualidade totalmente distinta. Nesta posição, o indivíduo pertence a milieus de acesso altamente restrito, interagindo, portanto, com outros dominantes.

No que diz respeito ao capital econômico, o tipo de posse deve ser diferenciado. Muitos alemães possuem uma casa própria e uma modesta carteira de ações. Poucos dispõem de outros investimentos. Somente uma pequena minoria, contudo, possui investimentos de todas as três categorias em um valor de mais de 500.000 euros. 45% dos estabelecidos possui imóveis com valor abaixo de 500.000 euros e por volta de 10% possui imóveis acima desse valor. Pelo contrário, 90% dos marginalizados, 73 % dos batalhadores defensivos e 64% dos batalhadores emergentes não possuem qualquer imóvel. 60% dos estabelecidos, 49% dos batalhadores emergentes, 22% dos batalhadores defensivos e somente 7% dos marginalizados possuem títulos de investimentos. Por fim, todos os dominantes dispõem de posses em todas as categorias e cada qual de fato em um valor superior a 500.000 euros.

Tabela IV: classe e bens: o(a) senhor(a) possui o que segue em valor superior a 500.000 euros?

	Imóveis	Ouro, jóias etc.	Títulos de investimento etc.
--	---------	------------------	------------------------------

⁵ Que pode ser realizado após a conclusão da escola secundária, como um politécnico.

Marginalizados	0%	0%	1%
Batalhadores defensivos	1%	0%	0%
Batalhadores emergentes (aspirantes)	3%	1%	2%
Estabelecidos	10%	0%	3%
Dominantes	100%	100%	100%

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

Enquanto a posse de bens diferencia as classes muito claramente, a renda se divide de acordo com as classes de maneira um pouco menos clara. Isto se deve em primeiro lugar ao fato de que pelo menos 50% dos alemães, em um momento qualquer de suas vidas, não estiveram à procura de qualquer atividade profissional. Aposentados, universitários e estudantes ganham em geral bem menos dinheiro do que seu pertencimento de classe permitiria supor. Por outro lado, somas consideráveis de dinheiro podem ser alcançadas em domínios socialmente menos prestigiados, de modo que alguns marginalizados podem registrar uma renda maior do que muitos batalhadores ou até mesmo estabelecidos. Para muitos, a renda flutua ao longo da vida ou ao longo do ano tão fortemente que uma média geral precisaria ser calculada para ser apresentada de modo preciso.

Tabela V: classe e renda

	Até 750 Euros	750-1.500 Euros	1.500-3.500 Euros	Acima de 3.500 Euros
Marginalizados	35%	65%	0%	0%

Batalhadores defensivos	3%	21%	68%	8%
Batalhadores emergentes (aspirantes)	0%	1%	52%	47%
Estabelecidos	0	0	0	100%
Dominantes	0	0	0	100%

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

Quanto ao capital simbólico, é factível demonstrar brevemente que, assim como todo tipo de capital, ele varia de acordo com o pertencimento de classe. Somente as classes dominantes possuem título de honra, assim como lhes são reservados os mais altos títulos de formação cultural. Estas classes não necessitam, em sentido rigoroso, de qualquer capital, dado que seu nome já abre todas as portas. Quem se chama “Porsche” ou “Hohenzollern” não precisa de qualquer carteira, portfólio profissional ou certificado de escolaridade para constituir laços de confiança e prestígio.

Tabela VI: capital simbólico: você descende de uma família de prestígio?

	Sim	Não	Não sei	Total
Marginalizados	11%	72%	17%	100%
Batalhadores defensivos	6%	85%	9%	100%
Batalhadores emergentes	8%	86%	6%	100%

(aspirantes)				
Estabelecidos	18%	72%	10%	100%
Dominantes	100%	0%	0%	100%

Fonte: Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland (Rehbein et al., 2015).

No geral, os dados da pesquisa são bem claros ao mostrar que a mudança social na Alemanha é lenta e rígida. Ou seja, há uma relação direta entre a posse conjugada das três formas de capital com a posição social ocupada na hierarquia das classes. A relação entre a posição social dos pais e dos filhos também deixa claro como a reprodução da desigualdade de classes é em grande medida a reprodução da condição estabelecida e privilegiada de algumas poucas famílias.

No próximo tópico, procuramos avançar com esta análise, partindo deste plano mais geral e estatístico para uma análise qualitativa de uma história de vida que representa perfeitamente a reprodução da condição de privilégio de pessoas da classe média estabelecida na Alemanha atual. Este nos parece ser um aspecto decisivo na compreensão da reprodução da desigualdade social em sua totalidade, na medida em que mostra como os privilégios são reproduzidos “internamente” nas classes que os possuem.

Friedrich: um consultor financeiro “estabelecido”

A situação atual dos empregados na Alemanha aponta para uma dinâmica especial que leva a uma transformação no significado dos tipos de capital. Não podemos realmente compreender o conceito de capital de Bourdieu sem relacioná-lo com suas capacidades de comportamento ou, dito de outro modo, com o seu patrimônio de disposições (Lahire, 2001). Isto significa que ele deve

ser compreendido de modo relacional (Rehbein 2010). Desse modo, a diferenciação recíproca de tipos de capital nos permite uma observação mais nuançada da realidade social, na medida em que diferentes tipos de competências incorporadas não se reduzem a causas meramente econômicas ou ao seu caráter fragmentário.

Dessa forma analisaremos, por meio do exemplo de Friedrich (34 anos), o significado dos tipos de capital e as estratégias de adaptação que vêm a ser exigidas com a transformação atual da sociedade de classes. Friedrich é um consultor financeiro que passou sua infância na Alemanha oriental e cujo pai tornou-se diretor executivo de empresa após a queda do muro de Berlim. Sua mãe é professora de alemão em um “ginásio”⁶. Após sua formação na universidade suíça St. Gallen, começou a trabalhar como consultor financeiro em uma corporação. Nessa empresa, ele possui uma equipe cujos membros em parte já eram seus clientes. Friedrich sente-se livre nesse emprego, embora admita que seu tempo livre não lhe é suficiente. Em seu trabalho, ele mobiliza diferentes tipos de capital que, dependendo do contexto, desempenham papéis específicos.

Em primeiro lugar, o capital social desempenha um papel essencial, já que Friedrich precisa montar uma carteira de clientes. Sua empresa não faz propaganda pública e ele coordena o trabalho de outros colegas de empresa. Por isso, ele deve se esforçar para sempre convencer novos clientes das vantagens financeiras de sua consultoria. Doravante, Friedrich precisa ter um bom conhecimento dos produtos financeiros, pois esse conhecimento técnico serve como capital cultural do campo econômico. Ele afirma que a corporação onde trabalha não oferece quaisquer produtos próprios, mas que trabalha em conjunto com companhias de seguro e de investimento, de modo que consultorias acerca de possíveis investimentos financeiros podem ser acionadas. Esse capital cultural estratégico, referente ao campo financeiro, permite-lhe uma visão *precisa e abstrata* dos possíveis investimentos

⁶ “Ginásio” ou Gymnasium é o nível escolar mais alto do sistema escolar alemão, seguido da Realschule e da Hauptschule. O acesso ao Gymnasium (ginásio) incorre no acesso ao mundo universitário, decidido por volta dos 9-10 anos de idade na trajetória educacional de uma criança.

financeiros no campo econômico, cuja rentabilidade nem sempre é boa. Nesse caso, ele não pode vender sua consultoria diretamente aos clientes.

Friedrich não obtém qualquer renda regular, mas vive de provisões cujo valor depende diretamente de seu rendimento no trabalho. Por um lado, deve-se notar que os diferentes tipos de capital obedecem a uma dinâmica econômica, pois estão conectadas ao esforço por obter volumes maiores de vendas. Considerando o tipo de trabalho, essas diferentes competências desempenham uma função de mercadoria, posto que vêm a ser vendidas a clientes como força de trabalho e prestação de serviço. Por outro lado, cresce a partir daí o *reconhecimento* dos capitais utilizados, auxiliando a formação de sua identidade profissional, decorrente de sua especialização na divisão do trabalho social. A possibilidade de construir uma rede social que sirva à empresa e a possibilidade de aplicar um conhecimento técnico qualificado, socialmente valioso, traz-lhe não somente o respeito de seus colegas; respeito que está igualmente conectado com seu capital simbólico na empresa (contando aí confiança, segurança e capacidade produtiva), mas também fortalece seu sentimento de valor próprio e autoestima. Isto lhe dá a chance de lidar melhor com os erros e aprender com eles:

"Acho uma pena que, na Alemanha, ensina-se pouco no colégio, ou na formação profissional sobre como se trabalha de modo autônomo... antes, é bem mais importante na Alemanha perseguir estritamente sua carreira. O que de fato vem a ser dito e não olhar nem pra esquerda nem pra direita e o que... acho uma pena... Se dá pouco espaço para que se cometa erros na Alemanha e acho também que erros são incrivelmente importantes que se possa progredir, aprender sobre si mesmo e hum... melhorar, simplesmente. Na Alemanha, as pessoas têm medo que erros sejam cometidos." (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

A dimensão simbólica e a social-psicológica podem ser unidas mediante o fato de que a corporificação de formas valiosas de capital se reflete na importância social objetiva de um indivíduo. Embora ambos os tipos de capital – o cultural e o social, que vêm a ser requeridos por Friedrich – sejam de tipos distintos, eles devem ser compreendidos de forma dinâmica. Mesmo que uma rede social dependa de contatos pessoais, ele não poderia

convencer cliente algum sem um conhecimento técnico qualificado. Nas sociedades atuais, as relações interpessoais sustentam-se igualmente sobre capacidades impessoais e diferenciais, sem as quais o trabalho de uma pessoa não poderia ser reconhecido. Apesar disso, a rede social opera como parte fundamental da profissão de Friedrich exatamente porquanto ele sempre precisa cuidar de velhos contatos e fazer novos:

“Acredito que seja quase indiferente qual tipo de autonomia, mas penso que uma rede que funcione bem ou muitos contatos sociais são sempre uma grande ajuda para construir algo. Naquela época consegui também bastante ajuda, comecei também com muitos amigos, perguntei por suas opiniões e a coisa se desenvolveu de tal modo que então muitos de meus amigos também se tornaram meus clientes. É assim que as coisas realmente decolaram. E então foi ficando cada vez maior... Há outros domínios onde consegui mais clientes do que por meio dos meus pais... Diria que de 20 a 30 por cento, quer dizer, de 20 a trinta por cento daqueles que jogam em meu time (de basquete) são meus clientes... Viajo muito também... É sair também com bastante frequência para festejar no fim de semana, mas também com amigos e com meus colegas de trabalho, com minha equipe, por assim dizer.” (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

O círculo de clientes pode, portanto, somente crescer se a separação clara entre trabalho e tempo livre se dissolver. Enquanto o papel essencial do capital social se cristaliza em seu trabalho, qualquer pessoa que disponha de poupanças pode vir a ser um cliente. Do mesmo modo, os efeitos simbólicos do capital social espelham-se na totalidade do habitus, visto que o indivíduo que negocia deve desenvolver um comportamento polido, conduzindo ao enfraquecimento de algumas características que parecem agressivas. Por isso, essa característica do capital social liga-se àquela capacidade de seu trabalho que cita como a mais importante: a “prontidão para ajudar”. Desse modo, Friedrich precisa estar à disposição de seus clientes, de modo que possa ser alcançado a qualquer momento para orientá-los financeiramente. Em resumo, a dilatação de sua rede de clientes origina-se em conexão com a dedicação pessoal de Friedrich aos seus clientes, por meio da qual seu trabalho bem prestado traz consigo um compromisso perante o cliente. Em virtude desse comprometimento, ele vem a ser recompensado com novas indicações.

Duas características de sua vida profissional vêm a ser por ele ressaltadas: a maneira como divide seu tempo e sua relação profissional com as corporações. Com isso, podemos levar em consideração o regime de trabalho pós-fordista, já que lhe vem a ser exigido cada vez mais “flexibilidade”, sentida, por ele, como liberdade:

“Nós temos muito trabalho e quando, no fim de semana... Trabalhamos também no fim de semana, mas frequentemente saio aos domingos, sábados. Flexibilidade significa que posso dividir livremente o meu tempo... que eu mesmo posso organizar meu dia, que eu mesmo posso determinar quando eu trabalho, pelo menos na maior parte. Não significa começar a trabalhar todo dia ao meio-dia, mas que posso ao menos moldar livremente como farei isso. E quando digo que tirarei folga às segundas ou terças, então eu simplesmente o faço. Não possui qualquer importância pra mim se é sábado ou domingo... Consegue-se fazer isso... É de fato triste, mas se deve (fazer) coisas simples, como estar continuamente disponível... Embora isso não signifique muito tempo para o lazer, que as pessoas se divirtam com o trabalho e que possam dividir elas mesmas seu tempo.” (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

Na percepção temporal que Friedrich possui do trabalho, mostra-se uma contradição. Por um lado, ele se apresenta frequentemente como livre e ágil, ainda que não esteja limitado a qualquer turno fixo de trabalho. Por outro lado, tais condições de trabalho ganham quase sempre a conotação de uma submissão, cujo resultado leva ao aprofundamento dos traços avidamente competitivos de seu trabalho. Com respeito às suas relações de trabalho, pode-se observar uma forte contradição entre a liberdade de tempo espontaneamente percebida e o fato de que ele deve estar quase sempre disponível para os clientes. O empregado atual deve ser capaz de se adaptar:

“Você precisa ser flexível também para a cada vez alcançar isso... Você tem sempre que olhar a situação, olhar ao redor e se adaptar à situação. Não é que a situação se adapte a você, mas sim você que se adapta à situação e então você consegue operar”. (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

Em vez de resistir às condições, o empregado deve adaptar-se a elas por meio da dilatação do tempo de trabalho. Dessa maneira, esse irresistível

compromisso com o trabalho deve deixar-se mais uma vez justificar para que o lazer e o tempo de trabalho em grande medida se fundem um com o outro. Este último fator coloca-se sob a guarda do princípio de eficiência, cuja força compele o empregado a tomar unilateralmente para si a responsabilidade pelas suas tarefas. Ademais, nota-se nessa passagem uma tensão entre a resistência subjetiva e adesão irrefletida a circunstâncias objetivas. O mais intrigante é que os dois planos permanecem sem mediação, ou seja, a adaptação às condições objetivas não parece ter como correlata a reflexão sobre quais são essas condições.

Não é arbitrário que Michael Vester e seus colaboradores (2003, p. 72) descrevam a “modernização do espaço social” através da emergência de novas profissões nos milieus de classe média. Nesse processo horizontal de diferenciação de milieus forma-se uma nova força de trabalho, trazendo consigo, para o jogo, uma nova forma de capital cultural ou um novo conhecimento técnico, enquanto o regime de trabalho se transforma. Simultaneamente, o progresso técnico desempenha um papel relevante, já que ele exerce uma influência significativa sobre o desenvolvimento dos modos de produção, dos meios de comunicação e de transporte e possibilita o domínio do capitalismo financeiro atual. Como Vester analisa, a modernização do espaço social não conduziu tão somente à exclusão social de estratos anteriormente reconhecidos, mas à transformação de relações de trabalho profícias para o surgimento de novas profissões. Enquanto entre 1950 e 1982 foi registrado um aumento de 391% em ocupações técnicas (incluindo profissões intelectuais não acadêmicas), a participação de postos de trabalho no setor de prestação de serviços aumentou de 18% (1950) para 40 % (1997) no mercado de trabalho como um todo. Por meio desses dados poderíamos afirmar que a maior parte das novas profissões estão nas áreas de informática, administração e inovações técnicas (Vester et al. 2003: 408).

Na modernizada estrutura profissional da Alemanha, podemos situar nossos entrevistados no espaço social com mais precisão. Juntamente com o crescimento dos funcionários assalariados, observamos paralelamente o crescimento do setor de prestação de serviços. A próxima tabela mostra a mudança da estrutura profissional de acordo com setores:

Tabela VII: Relocações horizontais no âmbito das prestações de serviços

		1991	2011	Diferença:
Prestações de serviço administrativas	23,4%	26,8%	+3,4%	
Profissionais em gerência (<i>management</i>) de nível mais elevado	2,1%	5,5%	+3,4%	
Semi-profissionais, gerência (<i>management</i>) de nível inferior	5,6%	9,3%	+4,7%	
Profissões de escritório e administração com treinamento	12,0%	7,6%	-5,1%	
Profissões rotineiras e reprodutivas em escritórios e administração	3,0%	3,4%	+0,4%	

Fonte: Michael Vester: Die Zukunft der Arbeitsteilung in hoch entwickelten Ländern: Postindustrielle oder industrielle Dienstleistungsgesellschaft? (2013, p. 11).

Os dados estatísticos nos informam que as transformações da estrutura profissional alemã influenciam com mais força o desenvolvimento de alguns campos profissionais do que outros. A luta entre os gerentes altamente qualificados e os funcionários que trabalham nos escritórios causaram um “upgrade polarizado” nesse domínio da divisão do trabalho que privilegia a integração da força de trabalho com qualificação mais elevada, na medida em que, ao mesmo tempo, os com menor qualificação (e, na maior parte das vezes, também os mais velhos) vêm a ser terceirizados. Com respeito a isto não se pode dar qualquer informação quanto a uma tendência linear geral,

mas somente quanto a tendências contraditórias que fortalecem a crescente conexão entre capital cultural e reconhecimento no campo econômico.

No que diz respeito aos tipos de capital cultural e escolar, podemos assinalar que há uma crescente *tensão* entre seu estado incorporado, isto é, adquirido via socialização, e objetivado, apreensível por meio de títulos e patrimônio. Se, em estado incorporado, os capitais cultural, escolar e social exigem comprovação contínua de desempenho, em sua forma objetivada e institucionalizada em títulos, condecorações, leis e regras, tais espécies de capital contam com seu poder estatutário e inicialmente inercial.

Em *La reproduction* (1970), Bourdieu e Passeron argumentam que um título escolar tem o poder legitimado, de forma relativamente independente, tendendo a consagrar uma posição social, tão logo um efeito de certificação venha a ser produzido. Em distinção à correspondência perfeita entre qualificação e competência técnica, a acepção de efeito de certificação engloba a legitimidade institucional de exercício da autoridade social e culturalmente aceita:

Assim, seria factível que um sistema de ensino estivesse cada vez mais em condições de dissimular sua função social de legitimação de diferenças sociais de classe sobre sua função técnica de produção de qualificações (*Ibidem*, p. 202-203).

Na acepção liberal, os mais bem adaptados ao mercado seriam aqueles que obtiveram sucesso no sistema escolar, tendo, portanto, acumulado competências técnicas mais refinadas. Sob a égide dessa tese, o sistema escolar estaria subordinado ao mercado de trabalho. Bourdieu e Passeron advogam uma visão teórica contrária, uma vez que o sistema educacional possui um valor heurístico próprio no esclarecimento sobre uma configuração histórica da cultura legítima.

Por conseguinte, de acordo com essa assertiva, não se pode separar algumas competências sociais de sua autoridade legitimada, de maneira que aí surge um valor baseado na escassez. Para evitar a concepção “tecnocrática”, segundo a qual há uma correlação precisa entre capacidades técnicas incorporadas e qualificação, eles defendem que a força estatutária – portanto,

o poder simbólico de um título escolar raro – porte tanta eficácia simbólica quanto à competência técnica propriamente dita.

Em face da regulação institucionalizada do reconhecimento em condições fordistas de trabalho, Bourdieu e Passeron acentuam antes o *efeito de certificação* de uma qualificação, que se mantém relacionado com seu já garantido reconhecimento estatutário.

Contudo, em decorrência da desregulamentação pós-fordista das relações de trabalho, a condição incorporada dos tipos de capital diferenciais torna-se cada vez mais importante. Em muitos domínios da divisão do trabalho, nos quais um regime flexível se impõe mais facilmente, a obviedade do efeito de certificação, gerado pelo sistema educacional não vale mais como critério unívoco de segurança de um posto de trabalho. O efeito de certificação é tão mais forte quanto uma ocupação englobar mais status e prestígio (sobretudo, o acadêmico). No entanto, em outras zonas da divisão do trabalho, a disponibilidade para o desempenho e a incorporação de novas espécies de capital parecem ser ganhar em importância.

Friedrich precisa, por exemplo, mostrar uma capacidade de desempenho que se atualize continuamente, na medida em que ele prova o valor social de seu trabalho em intervalos cada vez mais curtos. Não se trata de negar completamente efeitos de certificação, posto que a competência técnica jamais vem desacompanhada, no regime de trabalho flexível, por sua função de autoridade social. Contudo, ela deve pôr-se à prova em intervalos de tempo cada vez mais diminutos.

Friedrich menciona que uma das propriedades mais importantes em sua profissão consiste em negociar de forma responsável com o dinheiro de outras pessoas. Um consultor financeiro deveria possuir “uma boa moral”. Enquanto campo social, o campo das finanças introduz uma luta cultural e simbólica entre visões de mundo e perspectivas que influencia o campo econômico e legitima certa representação da economia (Grün, 2010). Ademais, essa luta por legitimação constrói seus portadores culturais. Desse modo, podemos descrever o perfil de Friedrich como “conservador”, mantendo-se em oposição ao consultor financeiro que assume altos riscos (por exemplo, aquisição de empréstimo de capital), para obter lucros mais rápidos e mais

altos. Em parte, esse tipo de consultor financeiro está em relação direta com o perfil de seus clientes:

“A maioria das pessoas quer investir seu dinheiro de maneira conservadora e isso não rende muito por causa da inflação, mas esse é o modo seguro, antes que se perca o dinheiro... Não sou nenhum administrador de fortunas, quero dizer, outras pessoas fazem isso exatamente para pessoas abastadas, de modo que elas arriscam mais. Não é o que faço. Trabalho para pessoas com patrimônios menores, por assim dizer” (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

Quando ele nos dá informação sobre seus clientes, podemos também refletir sobre como suas disposições econômicas e sua lida com o capital econômico se constituem. A maioria das pessoas dispõe de uma poupança pequena e tendencialmente regular, cuja pré-condição é uma renda mais ou menos estável ou compensada por volumes mais elevados. Nos interessamos aí pela correlação entre o trabalho e o surgimento de um comportamento econômico específico de milieu, uma vez que ela possibilita ao empregado um espaço de jogo na ação com o dinheiro. Em profissões mal pagas, a riqueza econômica gerada por meio do trabalho abre poucas chances para que seja ao mesmo tempo utilizada para produtos financeiros. Em função disso, a poupança permanece em um estágio indiferenciado, enquanto a composição de investimentos em dinheiro seguros e arriscados vem a ser excluída e o espaço de jogo dos investimentos simultâneos de capital econômico vem a ser claramente limitado.⁷ Como consequência disso, investimentos de pequeno risco vêm a ser preferidos, já que de outro modo as pessoas poderiam perder inteiramente suas poupanças. A formação de uma verdadeira atividade estratégica decorre do fato de futuras expectativas e possibilidades no mercado contraporem-se às condições econômicas do “investidor”:

“Antes que eu, em geral, aconselhe clientes, me sento com eles e, primeiramente, por uma meia hora faço apenas perguntas. Qual é

⁷ Tanto a diferenciação de investimentos em dinheiro quanto também de riqueza poderiam ser descritas como casos-limite entre milieus sociais de classes, que distinguem a classe média da classe alta. Simmel (2009) apontou para o fato de que a sequência temporal da lida com o capital econômico vem a ser possivelmente relativizada, já que se pode operar ao mesmo tempo em muitos níveis e domínios com o dinheiro. (*Das zeitliche Nebeneinander des Geldgebrauchs*).

sua situação como um todo, o que ele imagina do futuro... Pego um formulário com o tamanho de mais ou menos quinze páginas... E com o formulário descubro onde eu mesmo posso lhes ser útil, onde posso achar coisas que o cliente não vê. Isso é muito importante, é uma espécie de análise; então preciso de três a quatro dias para avaliar, e aí me junto novamente ao cliente e proponho minha ideia; isto é, o conceito daquilo que eu recomendaria. Então acontece simplesmente que ele não precisa aceitá-lo de modo incondicional, logo na primeira consultoria, mas sim que nós conversaremos e isso pelo tempo necessário até que a proposta lhe caia com precisão. Nos encontramos então novamente na segunda consultoria, aprontamos tudo e depois é simplesmente o serviço que entra em cena." (Friedrich, consultor financeiro, 34 anos).

Em conexão com esse testemunho pode-se afirmar que a racionalização de uma atividade estratégica com o capital econômico pressupõe a estabilização de estruturas temporais de avaliação e ação individual no mundo, na medida em que se torna possível projetar expectativas de longo prazo em um futuro abstrato. No que diz respeito aos diferentes níveis da prática econômica, a *relativa independência* das despesas particulares, não provocando necessariamente uma tensão interna entre elas, baseia-se na diferenciação fundamental entre subsistência ou consumo direto, necessidade econômica e a possibilidade de estabelecer uma poupança dilatada. Isso é um pré-requisito fundamental de uma existência social segura, como é o caso de um consultor como Friedrich, ou seja, uma ocupação típica da classe média estabelecida.

Com isso, esse pré-requisito existencial do trabalho corresponde à sua rentabilidade de longo prazo, para a qual uma renda regular em conjunto com um posto de trabalho assegurado contribui. A prospecção da vida está ligada a uma diferenciação fundamental entre subsistência e acumulação de capital econômico. Somente sobre esse pano de fundo pode uma estratégia econômica robusta se desenvolver e o capital econômico vir a ser considerado como investimento possível. A transformação de dinheiro enquanto poupança num investimento financeiro ou patrimônio completa o ciclo da estrutura de classe.

Conclusão

O artigo procurou reunir uma análise a partir de dados quantitativos, formulados sobre uma amostra de 300 entrevistas. Cada questão foi pensada com o fito de apreender indiretamente o processo de socialização com cada espécie de capital. Assim, tanto as questões relativas ao capital cultural: “*seus pais possuíam uma biblioteca em casa?*”; como as concernentes ao capital simbólico: “*você descende de uma família de prestígio?*” assinalam o pertencimento de classe dos entrevistados. Da mesma forma funcionam as indagações sobre patrimônio e salário, indicando uma posição provável nas chances de acumulação da riqueza econômica. Faz-se ainda necessário destacar que os dominantes quase sempre concentram todos os tipos de capital, sobretudo, o mais raro dentre eles: o capital simbólico.

A análise qualitativa nos permite compreender precisamente o modo como o capital produz seus efeitos na reprodução de classes. Isso não tem a ver simplesmente com um cenário pré-determinado no qual se transmite uma herança de uma geração para outra, mas sim com uma complexa conexão, concatenando os capitais presentes no contexto familiar de uma pessoa com sua própria história de vida e habitus, bem como a práxis em constante mudança, especialmente a da hierarquia social do trabalho. Friedrich reúne todas as habilidades e disposições para utilizar de forma produtiva as três formas de capital e usufruir dos privilégios que isso proporciona no capitalismo contemporâneo.

Bibliografia:

BOURDIEU, P. *Die feinen Unterschiede*, Frankfurt am Main : Suhrkamp. 1982.

BOURDIEU, P. Les trois états du capital culturel: In: *Actes de la recherche*, Jg. 30, N.1, pgs : 3-6.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Reflexive Anthropologie*, Frankfurt am Main : Suhrkamp, 1996.

BOURDIEU, P; J-C, PASSERON. *La reproduction* : éléments pour une théorie du système d'enseignement. 1.ed. Paris, Éditions de Minuit, 1970.

GRÜN, R. A crise financeira, a guerra cultural e as transformações do espaço econômico brasileiro em 2009, In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 53, no 2, 2010, pp. 255 a 297.

LAHIRE, B. De la Théorie de l'habitus à une sociologie psychologique. In: LAHIRE, Bernard (Org.) *Le Travail Sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques*. 2 ed. Paris, La Découverte, 2001.

REHBEIN, B. *Die Soziologie Bourdieus*. Konstanz: UVK (UTB) Verlag, zweite Auflage, 2010.

REHBEIN et al. *Reproduktion sozialer Ungleichheit in Deutschland*. Konstanz-München: UVK Verlag, 2015.

SIMMEL, G. *Philosophie des Geldes*. Erste Auflage, Köln: Anaconda Verlag, 2009.

VESTER, M. Die Zukunft der Arbeitsteilung in hoch entwickelten Ländern: Postindustrielle oder industrielle Dienstleistungsgesellschaft?. In: Horst Kahrs (Hrsg.): *Umkämpfer Sozialstaat*, Berlin, zweite Auflage: Rosa-Luxemburg-Stiftung (8-29), 2001.

VESTER, M. *Soziale Milieus im gesellschaftlichen Strukturwandel. Zwischen Integration und Ausgrenzung*. Köln: Bund-Verlag, 1993.

Sobre os autores

Fabrício Maciel é professor adjunto no departamento de Ciências Sociais de Campos, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: macielfabricio@gmail.com.

Ricardo Visser é pesquisador em sociologia, doutor em sociologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e foi gerente de projetos do Instituto de pesquisa econômica aplicada (IPEA). Contato: ricardovis@gmail.com.

Os autores contribuíram igualmente e são os únicos responsáveis pelo artigo.